



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 4 • nº 34 • 23 a 29/09/2007 • ISSN1809-6182

Resenhas

27/09/2007 – Presidente do Irã nos Estados Unidosp.01

Desde 2005, o Irã tem atraído grande da atenção para si no Oriente Médio. A preocupação internacional com seu programa nuclear, as polêmicas declarações de seu presidente e as especulações de uma escalada de conflito contra os EUA, dividem com o Iraque o posto principal de tensões na região. A visita do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad a Nova York, serve como um demonstrativo do acirramento das tensões na região.

27/09/2007 – Shinzo Abe renuncia ao cargo de Primeiro-Ministro no Japãop.05

Após um ano de governo como líder do Partido Liberal Democrata e primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe renuncia a seu cargo, deixando para seu sucessor um contexto político conturbado e questões internacionais pendentes.

30/09/2007 – A chegada de refugiados palestinos ao Brasilp.08

O Brasil receberá nos meses de setembro, outubro e novembro, mais de cem refugiados palestinos que estavam alojados no campo de Ruwayshid, na Jordânia.

Presidente do Irã nos EUA

Resenha
Segurança

Diego Cristóvão Alves de Souza Paes
27 de setembro de 2007

Desde 2005, o Irã tem atraído grande da atenção para si no Oriente Médio. A preocupação internacional com seu programa nuclear, as polêmicas declarações de seu presidente e as especulações de uma escalada de conflito contra os EUA, dividem com o Iraque o posto principal de tensões na região. A visita do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad a Nova York, serve como um demonstrativo do acirramento das tensões na região.

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad esteve presente, no dia 25 de setembro de 2007, na abertura da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Em ocasião de sua visita, Ahmadinejad também foi convidado pela Universidade de Columbia, em Nova York, a realizar uma palestra para estudantes e convidados. O Presidente também manifestou seu desejo de visitar o Marco Zero¹, local onde estavam edificadas as torres gêmeas do World Trade Center. Porém, a visita não foi autorizada por autoridades estadunidenses, sob o argumento oficial de que o local estaria em obras².

A ida do presidente iraniano aos Estados Unidos ocorre sete dias após a declaração do ministro das relações exteriores francês, Bernard Kouchner, que afirmou haver uma necessidade de se preparar para uma eventual guerra contra o Irã. Segundo o ministro francês, a aquisição de

poderio militar nuclear por parte do Irã seria um grande risco para todo o mundo, e que a França, juntamente com demais países da União Européia, deveria levantar suas próprias sanções ao país, fora do âmbito da ONU.

Após a Revolução Iraniana em 1979, que transformou o país monárquico, em uma república islâmica, o Irã se tornou um dos maiores focos de preocupação internacional no Oriente Médio, principalmente devido à postura agressiva que adotava frente a Israel e a guerra Irã - Iraque em 1980. Com a primeira e segunda guerra do Golfo, o país se tornou, de certa forma, um coadjuvante na política regional. Entretanto, nos últimos anos, o Irã vem atraindo para si a atenção internacional.

Dois anos atrás, ocorreu uma intensificação no debate acerca do programa nuclear iraniano, que já vinha sendo realizado dentro da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Em Março de 2006, a AIEA resolveu por transferir o debate para o Conselho de Segurança das Nações Unidas, que posteriormente decidiu através das resoluções 1737 (dezembro de 2006) e 1747 (de março de 2007) a imposição de embargos econômicos ao país. Embora

¹ *Ground Zero*

² Condoleezza Rice, Secretária de Estado dos EUA, afirmou que a visita seria inapropriada, afirmando: "Esse é alguém que é presidente de um país que, provavelmente, o maior patrocinador do terrorismo"

esse tema tenha surgido na agenda internacional apenas há 5 anos, acredita-se que o programa nuclear iraniano esteja em progresso há aproximadamente 20 anos.

Embora o Irã seja signatário do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares ³, as suspeitas sob as reais intenções do programa nuclear iraniano são muitas. O governo já declarou inúmeras vezes que seu programa está voltado única e exclusivamente para produção de energia. Porém, a tecnologia necessária para enriquecer urânio é a mesma tanto para a produção de energia nuclear quanto para a produção de armas nucleares. Diversas propostas já foram feitas pela Rússia⁴ para solucionar do problema, porém, nenhuma foi satisfatória ao governo iraniano.

Em entrevista, ao vivo, a um programa da CNN ⁵, Henry Kissinger, ex-secretário de estado dos EUA, declarou que o Irã não está necessariamente buscando uma arma nuclear própria, mas sim criar as condições para tal, como ocorre em países como o Japão. A declaração de Kissinger se assemelha às afirmações de diversos analistas internacionais, acerca do programa nuclear iraniano.

A afirmação do ministro das relações exteriores francês ecoa acerca dos recentes acontecimentos sobre fato. Em 21 de agosto de 2007, um acordo entre a AIEA e o Irã, definiu um cronograma pelo qual o país tem até dezembro para responder a todas as questões necessárias sobre seu programa nuclear. Em 2 de setembro do mesmo ano, o Irã declarou ter atingido o número de 3 mil centrífugas de enriquecimento de urânio em funcionamento, o que significa um passo sólido para seu programa nuclear.

Além de tal questão, outros fatores trazem o Irã para o centro das atenções no Oriente Médio. A prisão de 15 pessoas da Marinha Real Britânica, entre marinheiros e fuzileiros navais, em março de 2007, levou a uma nova turbulência. Os militares britânicos faziam inspeções para evitar o tráfico de armas do Irã para o Iraque, quando foram presos em águas iranianas. Durante 12 dias, o Reino Unido e o Irã entraram em intensa negociação pela liberação dos prisioneiros, o que foi concedido pelo presidente iraniano, segundo suas próprias palavras, como um “presente” ao Reino Unido.

Somam-se a esses fatos as suspeitas de que o Irã esteja fornecendo armas e treinamento aos grupos de resistência no Iraque. Os EUA acusam o Irã de promover, dentro de seu território, campos de treinamento a milícias iraquianas. Segundo os EUA, estes treinamentos seriam efetuados por oficiais do exército iraniano, e representantes do braço armado do Hizballah⁶.

Todos esses fatores levaram a especulações sobre possíveis ações militares contra o Irã, possibilidade que os EUA dizem não ter excluído em momento algum. Embora o Irã tenha se comprometido com as exigências da AIEA, os Estados Unidos ainda se mostram resistentes ao acordo efetuado. São cada vez mais freqüentes rumores do escalonamento de uma guerra entre os EUA e o Irã. Tal afirmação se sustenta pelas suspeitas de que agentes da Mossad⁷ teriam realizado o assassinato de um cientista do programa nuclear iraniano, e também o apoio estadunidense ao grupo Paquistanês Jundullah, que vêm realizando freqüentes ataques contra o Irã.

³ Tratado iniciado em 1968 com objetivo de reduzir a proliferação de armas nucleares no mundo. Hoje, 189 estados são signatários.

⁴ Incluindo um contrato de venda de combustível nuclear para o Irã, ou enriquecimento de urânio em instalações em seu território.

⁵ Late Edition, com Wolf Blitzer, exibido no dia 23 de setembro de 2007.

⁶ Partido político libanês que realiza ações armadas contra Israel, e possui grande apoio político por parte do Irã. Suspeita-se que o Irã seja o maior fornecedor de armas e recursos ao Hizballah.

⁷ Serviço Secreto Israelense

“O Mal Aterrissou”⁸

Em sua visita aos EUA, o presidente iraniano foi recebido com muita hostilidade. O jornal New York Daily News na manhã do dia 24 de setembro, dia da chegada do presidente iraniano ao país, estampava a seguinte manchete: “O Mal Aterrissou”. Dezenas de pessoas se reuniram em protesto em frente à Universidade de Columbia, onde Ahmadinejad fora convidado a realizar uma palestra a alunos e convidados, como parte do Fórum Mundial de Líderes da Universidade de Columbia, versando sobre diversos assuntos.

Embora tenha sido severamente criticada (a ponto de quase retirar o convite), a Universidade prosseguiu com o evento, em uma palestra realizada para centenas de alunos. Os convites se esgotaram em menos de uma hora após terem sido disponibilizados, e milhares de alunos se concentraram do lado de fora para ver através de um telão a palestra do presidente, famoso por suas polêmicas declarações.

Mahmoud Ahmadinejad foi eleito presidente do Irã em 3 de agosto de 2005. Dois meses após assumir o cargo, Ahmadinejad proferiu seu famoso discurso a um grupo de estudantes iranianos, onde afirmou que Israel deveria “ser varrido do mapa”. Em dezembro de 2005, o Presidente foi acusado de ter sugerido que o Holocausto nunca ocorreu de fato, o que gerou inúmeras críticas internacionais.

Ao introduzir a palestra, o presidente da Universidade de Columbia, Lee Bolinger, se referiu a Ahmadinejad como um “ditador cruel”, algo extremamente inadequado, considerando que o presidente iraniano apenas atendia a um convite realizado pela própria universidade. Em resposta a acusações de

negar o holocausto, o presidente afirmou que acreditava ainda serem necessários mais estudos. Ao ser questionado sobre o tratamento aos homossexuais no Irã, o presidente afirmou que tal “fenômeno” não ocorria em seu país.

No dia 25 de setembro de 2007, fez-se a abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas, na qual estavam presentes primeiros ministros e presidentes de diversos países, dentre eles o presidente estadunidense George W. Bush. Ahmadinejad se pronunciou na parte da tarde, e pôde-se perceber uma troca de acusações veladas com o presidente estadunidense.

Em seu pronunciamento à Assembléia Geral da ONU, George Bush criticou as ditaduras ao redor do mundo, dando especial ênfase a Mianmar, mas incluindo o Irã na lista de países que, segundo ele, “negam a seu povo o direito fundamental consagrado na Declaração Universal de Direitos Humanos”⁹.

Durante o discurso de Ahmadinejad, a delegação dos EUA se retirou do recinto. O presidente iraniano falou sobre questões sociais e culturais, criticou as grandes potências e as sanções impostas pelo Conselho de Segurança a seu país, e falou longamente sobre o programa nuclear iraniano. Para o Presidente, o caso encontra-se encerrado e fora de discussão, cabendo apenas a ser tratado no âmbito da AIEA.

Mas certamente não é assim que pensam parte dos países do Atlântico Norte. Os EUA e a União Européia continuarão pressionando o país na questão nuclear. Durante seu discurso na Assembléia Geral, o presidente francês Nicolas Sarkozy fez coro as palavras do ministro francês, afirmando que ao obter armas nucleares, o país seria um risco para o

⁸ “The Evil Has Landed” – Manchete do jornal estadunidense New York Daily News, do dia 24 de setembro de 2007.

⁹ ...“deny their people the fundamental rights enshrined in the Universal Declaration.” George W. Bush. General Assembly of the UN September 2007

mundo. Já o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, se pronunciou de maneira favorável ao Irã, ao afirmar que os EUA, sendo o único país a já ter feito uso bélico de armas nucleares, não teria direito a falar nada contrário ao advento de tecnologias nucleares com objetivos pacíficos, como, segundo ele, pretendem o Irã e a Coreia do Norte.

O debate sobre a questão nuclear iraniana certamente não irá se encerrar com a inspeção final dos agentes da AIEA, e muito ainda será levantado na questão das suspeitas de ajuda iraniana a milícias iraquianas. Por enquanto, o Irã volta a ser um dos principais focos de tensão na região, fomentando ainda mais os rumores de uma possível guerra.

Referência

Sites:

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/>

CNN On-line

<http://www.cnn.com/>

Fox News

www.foxnews.com

United Nations Webcast

<http://www.un.org/webcast/ga/62/>

United Nations Security Council

<http://www.un.org/sc>

Shinzo Abe renuncia ao cargo de Primeiro-Ministro do Japão

Resenha
Segurança

Luiz Fernando Damaceno Moura e Castro
27 de setembro de 2007

Após um ano de governo como líder do Partido Liberal Democrata e primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe renuncia a seu cargo, deixando para seu sucessor um contexto político conturbado e questões internacionais pendentes.

Shinzo Abe, 56 anos, foi eleito em 26 de setembro de 2006 se consagrando como o mais novo Primeiro-Ministro do Japão. Ele seguiu o popular Junichiro Koizumi, que se manteve no cargo de Primeiro-Ministro do Japão por 5 anos (2001 – 2006), fato não comum na história dos primeiros-ministros japoneses.

Sua carreira política inclui a passagem pela prefeitura da província de Yamaguchi em 1993, Secretário Chefe de Gabinete durante as administrações de Yoishiro Mori (2000 – 2001) e do próprio Koizumi, de 2000 a 2003. Em 26 de setembro de 2006, Abe foi eleito líder do Partido Liberal Japonês, posição que lhe rendeu a indicação ao cargo de Primeiro-Ministro em 2006. [\[Ver também: Novo primeiro-ministro japonês: posturas, desafios e perspectivas\]](#)

Já no início de seu governo, Abe foi postulado como sendo muito conservador, propondo reformas educacionais que defendiam o patriotismo japonês e uma reforma da constituição “pacífica” do país, que permitisse mudanças e reformulações do aparato militar japonês

Durante sua administração, Abe enfrentou protestos contra algumas de suas políticas. Internamente, as principais críticas da oposição (principalmente do Partido

Democrata Japonês – PDJ) se concentravam no projeto de reforma da Constituição nacional, datada do fim da Segunda Guerra Mundial. O argumento de Abe era que a Constituição, que impedia o Japão de investir mais de 1% do seu PIB no aparato militar, seria um resquício vivo da dominação estadunidense sobre o país.

Internacionalmente, os problemas enfrentados por Abe eram, por um lado, às relações com a Coreia do Sul e China e, por outro, a relação com os Estados Unidos da América (EUA). Os problemas com a Coreia do Sul e a China eram referentes ao uso de “casas de conforto”¹ durante a invasão japonesa na Segunda Guerra Mundial. O conceito de educação nacionalista de Abe procurava abafar esse episódio da história, o que foi criticado publicamente pelos governos sul coreano e chinês, além de sofrer com manifestações populares nestes países.

Em relação aos EUA, a questão gira em torno da esfera militar. Os EUA têm o Japão como maior aliado no Pacífico, e o concebem como o Estado que deveria manter o equilíbrio militar na região,

¹ As casas de conforto eram lugares onde soldados japoneses forçavam mulheres coreanas e chinesas a se prostituírem.

principalmente em relação à China e à Coreia do Norte [\[Ver também: Japão indica interesse em renovar seu aparato militar\]](#).

Foi essa relação com os EUA que deu o golpe final para o afastamento de Abe. Em 1º de novembro expira a lei que permite ao Japão fornecer combustível e suprimentos aos soldados americanos no Afeganistão. Essa missão da marinha japonesa é controversa porque infringiria os termos da constituição do país. Nessa mesma data a lei deve ser novamente negociada e votada para que permaneça ou não em vigor.

A lei poderia ser aprovada na Câmara Baixa do parlamento japonês, a Dieta², com o apoio do partido de Abe, o Partido Liberal Democrata (PLD). Isso seria necessário apenas se ela não passar na Câmara Alta, controlada pela oposição ao partido de Abe, o Partido Democrata do Japão [\[Ver também: O sistema de governo japonês\]](#)

Essa situação não seria desfavorável a Abe, que já havia anunciado anteriormente que renunciaria caso a lei não passasse. O fato de o ex-primeiro-ministro ter renunciado dias antes da discussão da lei pode indicar que não existia o apoio do PDJ. Mais do que isso, poderia indicar que o PDJ procuraria barrar a lei e não apenas buscar limitações a ela, como parecia quando ela foi assinada. Esse contexto causaria instabilidade política e mais críticas à conturbada administração de Abe, mesmo que a lei passasse.

Sem Shinzo Abe, como líder do Partido Liberal Democrata, a lei provavelmente não passará e um novo ciclo de primeiros-ministros fracos pode se iniciar. De 1990 até 2001, ano de posse de Junichiro Koizumi que teve três mandatos, o Japão teve dez primeiros-ministros.

Yasuo Fukuda, 71 anos, como novo líder

do PLD foi confirmado pelo parlamento japonês como sucessor de Abe e 91º primeiro-ministro japonês. Depois de eleito, Fukuda nomeou um gabinete de caráter conservador com membros mais antigos do partido. Fukuda tem a missão de reorganizar as políticas de seu partido para reconquistar a credibilidade nacional.

Além de reorganizar seu gabinete, Fukuda tem ainda que se preocupar internamente com o crescimento do PDJ, que conquistou maioria na Câmara Baixa do parlamento, mais fraca, porém capaz de levar a política japonesa a um impasse em uma época desvantajosa para o PLD, já que as eleições para a Câmara Baixa estão programadas para 2009.

A oposição criticou a escolha de um primeiro-ministro conservador, juntamente com o apontamento do gabinete de mesma linha. Após Koizumi a política no Japão parece ter se modernizado, buscando mais o apoio do setor privado na ponderação de políticas públicas.

Shinzo Abe se desculpou publicamente pela criação de um “vácuo político” e incitou seu partido a se juntar a Fukuda na luta política do país. Entretanto, se Fukuda não conseguir obter a credibilidade que anseia e não for capaz de confirmar a força de seu partido na Câmara Baixa do parlamento, o ciclo de primeiros-ministros fracos pode se reiniciar. A conjuntura política do Japão fica em suspensão. Com o PLD, que governa o país desde 1958, enfraquecido, as eleições da câmara baixa se aproximando e as questões internacionais com a China e os EUA ainda pendentes Fukuda é recebido com grandes problemas no horizonte político japonês.

Referência

Sites:

² Dieta é o nome dado ao parlamento japonês

Power and Interest News Report

<http://www.pinr.com/>

Bloomerg

<http://www.bloomberg.com>

Finacial Times

<http://www.ft.com>

Yomiuri – jornal on-line japonês

<http://www.yomiuri.co.jp>

A chegada de refugiados palestinos ao Brasil

Resenha
Segurança / Integração

Anna Cláudia de Santana Menezes
30 de setembro de 2007

O Brasil receberá nos meses de setembro, outubro e novembro, mais de cem refugiados palestinos que estavam alojados no campo de Ruwayshid, na Jordânia.

Antes da invasão estadunidense, ao Iraque em 2003 contabilizava-se cerca de 25 mil palestinos residindo em seu território. Esse contingente chegou ao país após as guerras de 1948 e 1967¹. Entretanto, com o fim do governo de Hussein, os palestinos começaram a ser perseguidos e agredidos, sendo até mesmo mortos pelos xiitas, o que desencadeou a fuga para outros países. Essa perseguição ocorreu porque os xiitas queriam vingança para os anos de repressão exercidos pelo governo sunita de Saddam Hussein.

Parte desses refugiados foram realocados no campo de Ruwayshid, localizado na Jordânia, a cerca de 70 quilômetros do Iraque e 320 quilômetros de Amã, capital da Jordânia. A princípio, deveria ser um alojamento temporário, mas o tempo passou e os palestinos permaneceram por 4 anos. O governo da Jordânia tentou fechar o acampamento devido às péssimas condições de vida, contudo a Organização das Nações Unidas (ONU) pedia mais tempo para que pudesse achar uma solução para a questão de amparo aos palestinos.

O que impedia esse equacionamento era o fato de que muitos países não se dispunham a abrigá-los. De acordo com Anne-Marie Deutschlander, do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), "os palestinos não são apenas refugiados, eles envolvem um problema político muito maior e vários governos não quiseram aceitá-los, muitas vezes por limitações das próprias leis do país".

Outro fator que dificultava essa questão era a interferência da Autoridade Palestina, que não desejava ver os palestinos fora do Oriente Médio e espalhados pelo mundo, o que complicaria a volta destes caso o Estado palestino fosse criado. Todavia, o Brasil argumentou que o problema dos refugiados era uma violação dos direitos humanos, sendo, dessa forma, mais relevante que o problema político pontuado pela Autoridade Palestina. Ademais, o governo explicou que a transferência dos palestinos para território brasileiro não impede que estes voltem para um eventual Estado palestino.

Dessa forma, após tentativas do ACNUR de encontrar países dispostos a acolhê-los, o governo brasileiro dispôs-se a ajudar e abrigar 117 palestinos, fornecendo apoio financeiro para que eles se integrem à sociedade brasileira e assim reconstruam suas vidas. Com essa decisão brasileira o campo de Ruwayshid foi finalmente fechado.

¹ No ano de 1948 foi declarado o Estado de Israel, o que desencadeou em uma guerra pois os palestinos julgavam como injusto o fato de serem obrigados a abrir mão de seus territórios para a criação do Estado judeu. Com o passar dos anos o conflito se intensificou, culminando na Guerra de 1967, travada entre Israel, Egito, Síria e Jordânia.

Esse acolhimento faz parte do Programa de Reassentamento Solidário, do Ministério da Justiça, que tem como objetivo reassentar os refugiados. Na definição deste projeto, será reconhecido como refugiado o indivíduo que devido a violações de direitos humanos foi obrigado a deixar o país de nacionalidade; que saiu de seu país devido a perseguições por motivos políticos, raciais, religiosos, dentre outros; que não pode ou não quer retornar ao país de origem.

Os estados que receberão os palestinos serão São Paulo e Rio Grande do Sul porque apresentam maior número de pessoas de origem árabe no país, além de possuírem uma rede melhor estruturada da Organização Não-Governamental (ONG) Cáritas², que irá auxiliar no processo de adaptação.

No dia 21 de setembro, um grupo de 35 pessoas chegou no Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos. De acordo com o Ministério da Justiça 75% deles são formados por homens e a maioria é proveniente da zona rural. Ainda segundo o Ministério outros grupos chegarão em outubro e novembro.

O Ministério da Justiça dispõe de um orçamento de R\$ 680 mil para auxiliar os refugiados em 2007. As famílias receberão ajuda do governo, que consistirá em salários mínimos, acesso à Bolsa Família³ e a serviços de saúde e de educação. Entretanto, essa ajuda terá prazo de 18 a 24 meses, dependendo da adaptação ao mercado de trabalho. "Não há nenhum tipo de paternalismo ou assistencialismo. Eles terão que caminhar com as próprias

pernas", argumentou o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto. A exceção é o caso dos "grupos vulneráveis", composto por idosos, doentes, e mãe solteiras, que receberão os benefícios por tempo indeterminado.

A assistência é também no sentido de orientar a colocação dos palestinos no mercado de trabalho, além de fornecer aulas de português.

Os palestinos receberam a notícia de que seriam acolhidos pelo Brasil com um misto de apreensão, felicidade e planos para o futuro. Apreensão por ser o Brasil um país desconhecido, com uma língua que não sabem falar. "Eles queriam saber onde iriam ser reassentados no Brasil, como é o clima, se iria ser em casa ou apartamento, como poderiam trabalhar." disse Francisco Sieber Luz Filho, enviado pela ACNUR para ajudar na adaptação cultural dos palestinos no Brasil.

Felicidade por saírem de um local sem acesso a hospitais, meios de comunicação, lazer e trabalho. Os planos para o futuro são vários: alguns querem ser professores de árabe, outros querem se casar com uma brasileira e comprar um apartamento, há os que querem abrir um restaurante e os que querem ser comerciantes.

O Brasil possui atualmente 3.400 refugiados de 69 países, sendo mais da metade de origem africana.

Referência

Sites:

Agência Brasil

<http://www.agenciabrasil.gov.br>

Associação brasileira de estudos populacionais

http://www.abep.nepo.unicamp.br/econtro2006/docspdf/ABEP2006_813.pdf

² Criada em 1947 na Espanha pela Igreja Católica, possui jurisdição própria e tem como objetivos promover o desenvolvimento da dignidade de pessoas que se encontram em situações precárias e ajudar a promoção das questões humanitárias. Está presente em 198 países e territórios e sua sede é em Roma, Itália.

³ Programa brasileiro de transferência e de recursos com condicionalidade financeiros para auxílio de famílias carentes.

BBC Brasil

<http://www.bbcbrasil.com>

Cáritas

<http://www.caritas.es>

Estadão Notícia

<http://www.estadao.com.br/>

G1 Portal Globo de notícias

<http://g1.globo.com>

Yahoo Brasil Notícias

<http://br.news.yahoo.com/>

Ministério brasileiro do Desenvolvimento
Social e Combate à fome

<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>

Ver Também:

17-11-2004: Palestina e Israel: Acordos de
Oslo, Camp David II e Mapa da Paz

20-06-2007: Quarenta anos da Guerra de
1967

ConjunturaInternacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor
Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tórres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier
Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof.
Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profª. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana
Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Ana Carolina Maia; Anna Claudia Menezes;
André Klausing; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes;
Joana Laura Nogueira; Lúgia Mello; Luiz Fernando Moura e
Castro, Luciana Mendes; Marina de Faria;

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de
seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itáú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas – Dom Bosco -
Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email:
ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>